

WALTER WANDERLEY
RAIMUNDO NONATO

UMA TARDE NA VIDA DAS ACADEMIAS

Discurso de posse do Acadêmico Walter Wanderley, na Federação das Academias de Letras do Brasil, no Rio de Janeiro, como representante da Academia Norte-Riograndense de Letras, pronunciado em sessão de 17 de julho de 1971.



Saudação do Acadêmico Raimundo Nonato.

1972
EDITORA PONGETTI
Rio de Janeiro — GB

UMA TARDE NA VIDA
DAS ACADEMIAS

...
...
...
...
...

...
...

...
...
...

SAUDAÇÃO AO ACADEMICO WALTER WANDERLEY

RAIMUNDO NONATO

Senhor Presidente:

Começo êste discurso, abrindo uma janela no tempo, para fazer uma confissão sentimental dizendo que, das coisas agradáveis da vida, só recordo aquelas que, permitindo percorrer os caminhos do passado, me ensejam o reencontro com as boas amizades.

Razoavelmente, para mim, o que torna a vida mais alegre, não é só o fato de saber fazer amigos, mas, a condição de saber conservar as amizades, coisa que constitui uma das maiores riquezas da criatura humana.

Tudo indica que, o momento é daqueles que dá oportunidade para se poder confirmar êste juízo, diante do que vejo neste magnífico encontro da confraternização promovido, hoje, por esta entidade, que congrega ilustres figuras da vida cultural do País.

Atribuiu-me o Sr. Presidente — nosso estimado representante da terra das Alagoas, confirmado no título de seu maior poeta, acadêmico Mendonça Júnior — a incumbência de ser o portador da palavra de recepção ao nôvo Delegado, credenciado como representante, nesta Casa, da Academia Norte-Riograndense de Letras.

O encargo, que aceitei satisfeito, me permite retroceder aos velhos caminhos do tempo, para rever as sinuosas estradas do sertão nordestino, ora sêco, esturricado, ora alagado, de rios transbordantes, território

enriquecido não só de fanáticos, de jagunços, de canga-
ceiros, mas também de altos expoentes das letras na-
cionais, e por onde têm explodido acontecimentos que
se filiam aos mais importantes, registrados nos capi-
tulos da História Pátria.

Este encontro, senhores acadêmicos, não é prò-
priamente fortuito, porque marca a presença de duas
épocas inesquecíveis, na minha vida, na vida de Walter
Wanderley.

Devo esclarecer, para comêço de conversa que, só
incidentalmente, nós podemos parecer diferentes. Isto
só, repito, nas fontes originárias do zoneamento topo-
geográfico do Rio Grande do Norte. Porque bem exami-
nado o caso, nós brotamos do mesmo clã papa-jerimum,
de tão afetuosa sensibilidade, que é o traço caracteris-
ticamente humano dos grupamentos daquela região.

Walter Wanderley, genealògicamente, como de-
monstram a fisionomia e a pigmentação, se filia em
linha de hereditariedade ao invasor flamengo — Gaspar
Van der Ley — “*bravo capitão de cavalaria de nobre
prosápia*”, e é por isso, no lado físico, tipicamente, dife-
rente do caboclo nordestino. Também de nascimento,
êle é diferente.

Veio do litoral, abandonando a orla marítima
onde vivia com os olhos alagados na amplidão do ocea-
no. Ali mergulham e desaparecem para nunca mais se
reencontrarem, as águas de todos os rios da terra. O
mar é um anonimato. Espécie de fim de tudo que nêl-
se some, sem destino. Não tem caminhos, nem acidentes
à sua superfície, e por isso todos nêl-
navegam pelos rumos, pelo horizonte, até pelos astros. Só muito de-
pois, as possibilidades da ciência chegaram para indi-
carem-lhes roteiros novos, mais seguros.

O rio, pelo contrário, tem a fisionomia da fixação
marcado pela fôrça dos elementos circunstantes. Lem-
brado pela sombra dos arvoredos presos nas suas riban-
ceiras, observado pelas populações ribeirinhas, que se
aglomeram nas suas margens, nos pontos altos, e assis-
tem espavoridas, fugindo das enchentes, quando descem
as primeiras cabeças d'água, transformando tudo num
mar mediterrâneo.

E para não desfigurar o cenário pictórico de suas
próprias evocações, deixo que o escritor corra pelos

campos das memórias telúricas e lembre os dias verdes da meninice, recordando seu grande poeta Edinor Avelino, quando escrevia:

— *“Eu demorava a meditar no pôrto. Iamos, às tardes, vento e mar agitados, para os trapiches. De lá, contemplávamos as embarcações nos seus bordejos, de um lado para outro, indo e vindo, até alcançarem a margem oposta.”*

E prossegue na mesma voz do poeta, alma surda ao sofrimento e à dor que o atormentam, afirmando:

— *“O velante farol de Alagamar, ali continua na sua faina incessante, acendendo e apagando nas intermitências do seu clarão, varrendo os horizontes de lado a lado, mostrando aos navegantes o rumo certo. Fica na praia de Alagamar, de nossas lembranças, dos passeios domingueiros, dos banhos de mar. Atravessávamos a nádo, um pedaço de rio e chegávamos à costa do mar bravio e sôlto, de onde avistávamos os pedaços de terra que havia pertencido à Ilha de Manuel Gonçalves. Os pescadores têm uma filosofia muito própria ao dizerem: o que o mar leva, o mar traz. Dentro desta concepção singularíssima aguarda-se que, um dia, ressurja por inteiro a ilha desaparecida em 1845, cujo Cruzeiro se encontra na Igreja de N. S. da Conceição, em Macau, como último troféu daquela batalha contra o mar.”*

E lembra outras imagens daquele mundo, a sumir-lhe pelas nuvens do esquecimento:

— *“A alva torre do antigo presbitério, simples e evocativa. É a torre da Igreja da Padroeira da freguesia. Lá iamos, por mais das vêzes, apreciar o velho sineiro badalar com mestria aquêles três sinos que percutiam sonoridades pela cidade inteira. Morávamos ao lado dessa Igreja. Pela manhã, o velho sino através de badaladas rítmicas chamava os fiéis ao santo sacrifício da missa. São quadros*

e lembranças que a retina guardou e o coração conservou para o resto da vida, numa imagem sentimental."

Tudo isto era Macau de Walter Wanderley, menino danado, sempre fazendo estripulias, vadiagens.

Ele vinha de origens de homens e mulheres que nasceram e viveram fazendo versos, porque os Wanderley são poetas por um princípio de organicidade, podendo dizer-se deles, o que Álvaro Lins disse dos artistas do metro e da inspiração:

"Os homens que nascem marcados pela desventura de não serem poetas são os que mais sentem a necessidade da poesia."

E acentua na mesma conceituação:

"A poesia começa por ser um canto. Um canto interior e em que reinam estrêlas e mulheres, reivindicações e conquistas."

Naqueles dias, Macau está faiscando ali, nas miragens que se formam no Atêrro, no paralelo das suas salinas, que se separam pelas marinhas, paisagem poética de encantadora fantasia. A ela, à terra, se refere o autor de SÍNTESES, um livro admirável de Edinor Avelino, que levou 40 anos correndo pelas gavetas, até que veio à luz publicitária, graças à teimosia desse homem genial pela força de vontade com que se lança aos empreendimentos, que é o escritor Manuel Rodrigues de Melo. Mas, aí, o poeta já se encontrava mergulhado nas sombras eternas da cegueira. O poema é todo um quadro colorido do mais expressivo e espiritualizado enternecimento, quando canta sua terra:

*"Conduzo-o na retina, por onde ande,
Macau, canção do meu amor, doce ária,
Meu sentimento que se tornou grande,
Lá na tristeza da angra solitária."*

E é revendo os claros da mesma planície salsginosa que Ezequiel Wanderley, jornalista, poeta e tea-

trólogo pinta os cenários do rincão distante, a que retorna:

*“Voltei! Torno a rever o ninho hospitaleiro,
Senhor do meu afeto e da minha amizade,
Pedaco de ouro e azul do rincão brasileiro,
De onde parti gemendo o hinário da saudade.”*

.....

*“MACAU perto de ti, do teu seio bendito,
Já não sou como outrora o lendário proscrito
— Do Sonho, da Ilusão, da Esperança e do Amor.”*

São dêsse autor de *Poetas do Rio Grande do Norte*, livro publicado em 1922, êstes versos unguídos de suavidade:

*“Que sejas sempre assim, — a imagem da ternura —
E o doce lenitivo às dores dessa dor...
Trazendo à solidão da minha noite escura,
Uma réstia de luar e um perfume de flor.”*

De tudo o que se conta, sabe-se que Walter Wanderley arrojou-se do litoral para o interior e deixando o clima e a visão dos mares avançou pelo sertão.

Só num paralelo assim, imaginário, se situa o plano diferencial da nossa humanidade geográfica.

Contrariamente, eu desci do alto das serras, tangido pelas fustigações da sêca de 1919. Meu lugar, pequeno e pobre, não tinha cantores nem poetas, quase sem escolas, mas possuindo duas bandas de música com dez ou doze figuras, cada uma, e que se rasgavam sempre que se encontravam, no meio da rua, ora indo para uma tocata na Igreja, ora para uma recepção ao Deputado, coronel-chefe político, que voltava da capital, onde tinha ido conversar com o Governador do Estado e acertar os ponteiros do relógio da política.

Mas, a serra também tem suas tormentas, seus momentos de angústia, suas horas de insegurança coletiva, quando desabam os temporais mais fortes e as águas rolam pelas escarpas e se vão pelos despenhadeiros, por vêzes, provocando a dor e a morte.

A amplidão que se descobre do alto daquelas cercanias — do *Diadema*, seu mirante natural — é dos mais impressionantes, como se dali se visse um mar imenso, avançando pelo horizonte, numa paisagem que nunca mais esquece, quem a descortinou pela primeira vez.

E de lá, como do farol de Alagamar, o observador divisa a planície imensa dos sertões, as fazendas de criar, os açudes, os roçados e as estradas dos comboieiros, que se vão espiralando pelos campos como se fôsem rastros de gigantescas serpentes de uma espécie desaparecida.

Do longínquo lugarejo, com a predicação administrativa de *Maioridade*, depois *Imperatriz*, e finalmente, *Martins*, na era da República, diz o primeiro historiador do Rio Grande do Norte, Manuel Ferreira Nobre, em livro publicado em 1877:

“Ao subir e descer a serra do Martins, depois de passar por altas montanhas e precipícios, o viajante observa variadas cenas da natureza. De um lado, vêem-se verdes pastagens onde medram suculentos rebanhos de vacas e ovelhas que fornecem copioso leite. Do outro lado, fixa-se o olhar e prolongando-se até aos cumes longínquos de outras serras, à vista do viajante extasiado!... Os prados confundindo-se com os penedos representam gigantesco oceano: é uma perfeita ilusão. Não se pode escolher melhor lugar para se tributarem homenagens ao Criador.”

Do outro lado, dêsse espigão orográfico, com quase um século de visualização descritiva, desci numa friorenta madrugada do mês de julho, rumo ao litoral.

E nesse quadro, simbolizando o destino de migrações endogâmicas que espontaneamente representam o fenômeno do êxodo nordestino, um dia (sei lá, quando), eu e Walter Wanderley fizemos um encontro, na encruzilhada da vida.

O local foi aquêle mesmo prédio velho do *Alto do Pão Doce*, que fôra hospital dos variolosos em 1877, que depois, em 1900, dera abrigo ao Colégio “*Sete de Setembro*”, do famoso rábula, o pedagogo paraibano, homem

de muito saber e grande latinista, prof. Antônio Gomes de Arruda Barreto.

Ao tempo, ali, tinham sombra, numa simbiose compreensiva, a *Escola Normal* e o *Grupo Escolar "30 de Setembro"*, promovendo um grande trabalho no campo da formação da juventude.

Eu, aluno incipiente nos estudos da escola, êle, menino vivo e turbulento do referido instituto de ensino primário.

E curiosamente, para marcar êsse tempo, é êle mesmo Walter Wanderley quem recorda a crônica que escrevi a seu respeito, rememorando que durante as aulas, um dia, ouvira-o, numa classe vizinha recitando êstes versos do seu avô Paulo de Albuquerque, sôbre o "30 de Setembro", a data do abolicionismo mossoroense, no ano de 1883:

*"Cheguei!... Mirai meu semblante,
Não sou negreiro do Sul!...
Nas côres do meu turbante
Está minha bandeira azul.
Venho louco de um poema,
Lá das terras de Iracema,
Dos Acarapes gentis;
Foi tamanho o heroísmo,
O amor e o civismo,
Que não valeram fuzis."*

Ou então, declamando poemas de Segundo Wanderley, já aqui magnificamente relembrado num grande estudo pelo nosso confrade tão ilustre, Padre Jorge O'Grady, como esta estrofe do *Surge et Âmbula*:

*"Eu vos saúdo, legião sagrada,
Raios fecundos de futuros sóis,
Plêiade hoje, de gentis mancebos,
Mas amanhã constelações de heróis.
Eu vos saúdo repetindo sempre
Esta verdade que a razão seduz:
— Para a grandeza assinalar de um século
É necessário — LIBERDADE E LUZ."*

De mim, imensas coisas teria a contar referentes àquilo em que sobressaem os reflexos da auditividade, dêsse fenômeno curioso que enraizou um conhecimento.

É que chegando a Mossoró — cidade espécie de Meca dos Retirantes — teria de enfrentar a vida crua, áspera e desadorada que levei, de dias obscuros e noites mal dormidas, mas lutando sempre, como diria, depois de mim mesmo, o querido e vibrante poeta Cosme Lemos, alma ambulante de aedo embebido pela inspiração, “*sem nunca maldizer das pedras que me fizeram sangrar os pés...*”

E, hoje, penso evocando estas coisas:

— Como era fácil, então, orientar-se a mocidade, com exemplos dessa natureza e lições dessa escola onde o calendário do civismo plasmava mentalidades e formava gerações de brasileiros, que se foram legando um nome e um patrimônio à Pátria.

Mas, se os tempos mudaram, o Brasil continua.

Walter Wanderley, menino, abraçou a cidade, de que seria um dos donos no futuro. E êle conta essa história com um colorido sem imitadores:

“Mossoró é a terra inigualável e sempre a lembrar-nos uma época que “os anos não trazem mais”, recordando Casimiro de Abreu. A ela estamos ligados por laços indissolúveis, pela tradição da família, pelo sangue, pelas idéias, pelo trabalho construtivo, pela formação intelectual, pela vivência sócio-econômica, terra que é nossa pelo direito de conquista, por todos os liames que possam ligar a criatura humana ao seu destino, mesmo não sendo aquela a terra do seu nascimento. O que foi para nós, Mossoró naquele 1922, sob o ponto de vista psicológico, não é fácil de traduzir. Os primeiros contactos, a primeira visão panorâmica da cidade grande, o trem da Companhia Estrada de Ferro de Mossoró, a luz elétrica da Empresa Mossoró Luz e Fôrça, o Cine-Teatro “Almeida Castro”, o Colégio Diocesano “Santa Luzia”, a Escola Normal, o Grupo Escolar “30 de Setembro”, o movimento das casas comerciais, as ruas cheias de tropas de burros para o transporte das cargas de mercadorias à freguesia do interior. Os fardos de algodão nas adjacências das firmas

M. F. do Monte & Cia. e Tertuliano Fernandes & Cia. É que tudo aquilo enchera de entusiasmo o menino pobre de Macau. E era, na verdade, uma agradável festa para os meus olhos encantados."

"Chegamos a Mossoró, precisamente, no dia 22 de maio de 1922. Viajamos no Itapecuru, navio da Companhia Costeira. Agora digo: como era diferente aquela pequenina e saudosa cidade de Macau, daquela Mossoró tumultuante, que pisamos, tímidamente, pela primeira vez."

Seguidamente, amplia a visão do quadro, dizendo:

"Bisavó mossoroense, avós mossoroenses, pai mossoroense, espôsa mossoroense, tios e tias mossoroenses, filhos mossoroenses, genro mossoroense, sogro e cunhadas mossoroenses, primos mossoroenses, aqui vivi da minha infância à maturidade, participei das suas atividades, do labor do seu comércio, fundei jornais e militei na política, dirigi os esportes e ativei intensamente o esforço pela solução dos seus problemas, alguns de longevidade secular, como água, estradas, fontes e reduções prioritárias do seu desenvolvimento econômico."

Depois veio a política. A malsinada política da província cheia de ódios e de animosidades, a que se refere Walter Wanderley:

"No espaço compreendido entre os anos de 1945 e 1950, a luta foi intensa, titânica, desigual, e Mossoró era a trincheira de civismo de toda uma zona, de um povo amante da liberdade."

Dessa campanha, saiu Walter Wanderley eleito deputado à Assembléia Constituinte do Estado. Seu partido elegeu Governador do Rio Grande do Norte, dr. José Varela, deputados federal e estaduais pela área de Mossoró, levando forte coeficiente eleitoral à votação de Presidente da República.

E chega, finalmente a derrocada, com a campanha de 1950. Dessa época, Walter Wanderley pinta as côres da situação:

“1950. Campanha dura, rija, inflexível no seu conteúdo doutrinário. Novas alianças foram feitas. As manobras e táticas feitas barricadas, como para uma verdadeira guerra, liquidaram aquela hegemonia política que vínhamos mantendo e que conquistáramos nas urnas, pela força e coesão de um grande partido que tínhamos ajudado a consolidar. A dissidência havida entre amigos — o Governador José Varela e o Senador Georgino Avelino — foi mortal para eles, foi destruidora para nós. A derrota eleitoral esperada veio nos atingir como um impacto, impiedosa, implacável, fragorosa. E perdemos com ela, a situação empregatícia, econômico-financeira, influência e liderança política.”

Felizmente, senhores acadêmicos, para êle, para nós, tudo isto aconteceu. E o que é mais de ressaltar, aconteceu de modo, singularmente promissor. Porque saindo da tranqüillidade da província esquecida e submersa, êle veio encontrar, na vida tumultuada do Rio de Janeiro, aquêles estímulos de que necessitava para reingressar nas atividades literárias e produzir livros, e o que é mais importante dizer, livros bons, livros sérios.

Nesse trabalho, curiosamente, sendo um Wanderley, Walter não enveredou pelo caminho da poesia. Não fêz versos. Não quis ser poeta. Muito embora pareça isto estranho, porque não há descendente desta família espalhada por nada menos de seis ou sete Estados Nordesteiros, entre médicos, políticos, estadistas, militares, professôres, bacharéis, romancistas, teatrólogos ou jornalistas, que entre estas variações de conhecimento ou da cultura, não se orgulhe de revelar um belo trovador, um bardo sonoro das noites de serestas ou mesmo um poeta admirável a exemplo de Segundo Wanderley, de quem nunca é demais sejam lembrados versos da epopeia do *Naufrágio do Vapor Bahia*, como êstes:

*“Mais tarde quando o sol ergueu-se lentamente,
Bordando de cetim as fímbrias do oriente,
E dos vales a flor abria-se a sorrir,
Viu-se um vulto ocultar na palidez das brumas:*

- *Um navio de menos à tona das espumas,*
- *Um espectro de mais à tona do porvir!"*

Os livros de Walter Wanderley firmam a autenticidade do autor, do escritor, no seu trabalho de pesquisa, fundamentalmente de genealogia: *Notas de Viagem ao Amazonas*, em 1947; *Bodas de Ouro de Meus Pais*, em 1963; *Família Wanderley*, em 1966; *Macau na Poesia de Edinor Avelino*, em 1967; *As Palavras, a Amizade e o Tempo*, em 1968; *Mossoró na poesia de Cosme Lemos*, em 1969; *Paulo de Albuquerque — o poeta da Abolição*, em 1969; *Orações Acadêmicas*, em 1970; e *Irineu Sóter Caio Wanderley — Cem anos de sua morte*, em 1970, além de vários inéditos, entre os quais destaco, *Eliseu Viana — o Educador*.

Êstes trabalhos, ensaios, pesquisas, sobretudo pesquisas, dão idéia da atividade intelectual dêste autor nordestino, escritor de largos méritos, de modo tão afetoso vinculado aos problemas culturais da sua província, que êle não esquece nunca.

ACADÊMICO, AMIGO WALTER FONSECA WANDERLEY DE ALBUQUERQUE, dou-lhe boas-vindas, na hora da sua chegada, para ficar na FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL. E, fazendo-o, relembro que você ingressa nesta CASA DA CULTURA com a responsabilidade de manter aqui, o nome de uma família representada na história brasileira, no percurso de quatro séculos, por figuras de todos os padrões da dignidade humana, que em espírito e inteligência deverá continuá-la, dizendo para os outros, aquilo que já disseram de você mesmo, tantas vêzes: SEJA SEMPRE UM WANDERLEY.

Rio, 17-1-1971.

DISCURSO DO ACADÊMICO WALTER WANDERLEY

Exmo. Sr. Presidente da Federação das Academias de
Letras do Brasil
Senhores Acadêmicos
Senhoras e Senhores

Esta é mais uma presença do Rio Grande do Norte nos quadros desta Federação. É também o abraço fraternal e amigo dêste potiguar que vos fala ao ter ingresso nesta Casa, por onde passaram e se encontram vultos eminentes da inteligência e cultura brasileiras. Lamento que aqui não estejam dois caros amigos com quem privei mais de perto: o saudoso desembargador Carlos Xavier Paes Barreto descendente de d. Rosa Maria Wanderley, neta do bravo capitão holandês, Gaspar Van der Ley, e o meu ilustre coestaduario, dr. José Augusto Bezerra de Medeiros.

Quando escrevi o *Família Wanderley*, o desembargador Paes Barreto veio com sua valiosa contribuição, através de seus livros e cartas. Foi êle o comentar, aqui, dêste meu livro, sempre sincero nos seus pronunciamentos, afetivo e cordial na sua amizade.

Sôbre José Augusto, no meu discurso de posse na Academia Norte-Riograndense de Letras, ano passado, disse e agora repito: — "*José Augusto é uma das mais expressivas manifestações do espírito da democracia brasileira, figura das mais brilhantes na vida pública do país, onde ocupou, com relêvo, cargos e exerceu mandatos eletivos. Sua passagem pelo govêrno do Rio*

Grande do Norte, foi marcada por um clima de respeito às liberdades humanas, de consagração à justiça, de honestidade digna de respeito e de todos os elogios dos seus conterrâneos.”

Assim, senhores, como representante da Academia Norte-Riograndense de Letras, nesta Federação, honra das maiores na minha modesta vida de cultor das letras, tentarei, num rápido esboço, mostrar-vos os homens e mulheres de pensamento e cultura do Rio Grande do Norte, e suas obras. Direi que existe, na minha terra, como noutros pontos do país, uma força viva a serviço da cultura, desde os romances de ficção aos mais sérios estudos de História, Etnografia, Antropologia, Sociologia, aos de poesia pròpriamente dita, seja épica, condoreira, romântica e modernista, ainda mesmo ao sabor antropofágico de Oswald de Andrade, na sua *arte de liberdade total*. “O livro — já dizia Ezequiel Wanderley, um dos mais autênticos valôres da terra potiguar — *por mais modesto, qualquer que seja o seu valor, representa uma soma enorme de energias, de entusiasmos, de alternativas de coragem e de quebranto, de esforço paciente e amargurado.*”

O nosso coestaduanu, Acadêmico Peregrino Júnior, numa conferência que pronunciou com aquêlê brilhantismo de sempre, disse da particularidade de ser o Rio Grande do Norte um Estado pequeno, mas berço de grandes historiadores, e ressaltou: Luís da Câmara Cascudo — o maior dêles, Rodolfo Garcia, Tobias do Rêgo Monteiro, Vicente de Lemos, Tavares de Lira. Dêstes, vive Luís da Câmara Cascudo — meu querido Mestre — para alegria nossa e glória da sua terra, lá no seu recanto natalense, autor que é de mais de cem livros, destacando-se *História do Rio Grande do Norte, História da cidade do Natal, História da República do Rio Grande do Norte, Notas e Documentos para a História de Mossoró, Dicionário do Folclore Brasileiro*, além de outros sôbre os mais variados assuntos, alguns até de títulos aparentemente singelos como rêde de dormir, maleagro, cachaça, canto de muro, cura de uma gripe, jangada, mas que o autor os engrandece na forma descritiva, tornando-os de real interêsse. É êle, indiscutivelmente, o escritor consagrado no campo da História, Sociologia, Folclore, Etnografia, Biografia, arrancando,

como bom garimpeiro, da ganga bruta, temas tão simples para torná-los grandes no seu relato primoroso. Dêle, disse o prof. Enélio Lima Petrovich, e aqui repetimos: — *“Vive arraigado à sua terra e à sua gente, como marisco num rochedo, irradiando simpatia e inteligência, na valorização de todos os campos da cultura.”*

Mas, senhores, a primeira história do Rio Grande do Norte foi escrita por Manuel Ferreira Nobre, em 1877, sob o título *Breve História Sôbre a Província do Rio Grande do Norte*. Este livro, então raríssimo, vem de ser reeditado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, com apresentação do prof. Enélio Lima Petrovich, presidente daquele Instituto, prefácio e notas do prof. Manuel Rodrigues de Melo, presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras. Nas “orelhas”, palavras do escritor Raimundo Nonato.

Nossos poetas e escritores do passado deixaram para os desta geração, livros que são mensagens de beleza e ternura, de pesquisa paciente e devotada, de muito amor às nossas raízes, à história das nossas cidades, transmitindo-nos páginas antológicas, cheias de ternura e rara beleza.

Citarei, numa sucessão de quadros, poetisas e escritoras como Nísia Floresta Brasileira Augusta, que viveu em Paris, convivendo com os grandes mestres da literatura francesa. A Academia Norte-Riograndense de Letras acolheu seus restos mortais num mausoléu que construiu às suas expensas. Auta de Sousa, autora desse livro encantador que é *Horto* e que teve sua primeira edição prefaciada por Olavo Bilac. O crítico do Modernismo, Silva Ramos tem para ela estas palavras: — *“Trata-se, antes, de uma poetisa de sensibilidade neo-romântica, tradicionalista, às vêzes elegíaca, sempre singela.”* O emérito Câmara Cascudo traça-lhe o perfil em *Vida Breve de Auta de Sousa*, e diz: — *“Vejo-a pálida, magra, pequenina, com o seu têrço no pulso.”* O Cônego Jorge O’Grady de Paiva acaba de publicar uma coleção de dez poetas norte-riograndenses, vivos e mortos. Nesse trabalho, o Cônego Jorge considera Auta de Sousa *“a maior poetisa do simbolismo cristão do Brasil”*. Agora, uma pequena mostra de sua poesia. Trata-se de *Caminho do Sertão* e diz respeito a uma

viagem que a poetisa fizera com o irmão, João Câncio, à Serra da Raiz, na busca de melhora para o seu estado de saúde, já precário. Ei-lo:

*“Tão longe a casa! Nem sequer alcanço
Vê-la através da mata! Nos caminhos
A sombra desce, e, sem achar descanso,
Vamos nós dois, meu pobre irmão, sòzinhos.*

*É noite já. Como em feliz remanso
Dormem as aves nos pequenos ninhos...
Vamos mais devagar... de manso em manso,
Para não assustar os passarinhos!*

*Brilham estrêlas. Todo o céu parece
Rezar de joelhos a chorosa prece
Que a noite ensina ao desespero e à dor...*

*Ao longe, a lua vem dourando a treva:
— Turíbulo imenso para Deus eleva
O incenso agreste da jurema em flor.”*

Segue-se Palmira Wanderley, da Academia Norte-Riograndense de Letras, ocupante da cadeira que tem como patrona Auta de Sousa. É a autora de *Roseira Brava e Outros Versos*, menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, considerada “a maior poetisa viva do Estado e das maiores do Brasil”. O soneto *Bem-te-vi* é primoroso. Conheçamo-lo:

*“Tôdas as tardes, sempre à mesma hora,
Vem visitar-me um passarinho amigo...
Canta cantigas que eu cantara outrora,
Canta coisas que eu sinto, mas não digo.*

*De onde êle vem, não sei; nem onde mora;
Se lembranças me traz, guarda-as consigo.
Sinto, no entanto, quando vai-se embora,
Que a minha alma não quer ficar comigo.*

*Hoje tardou... Há chuva nos caminhos,
Mas a chuva não faz mal aos passarinhos
E êle há de vir, a tarde festejando...*

*Lá vem êle, ligeiro como um sonho...
Canta coisas tão minhas que eu suponho
Ser o meu coração que vem cantando."*

E, Carolina Wanderley, também pertencente à nossa Academia, com êsse esplêndido livro, *Alma em Versos*. É uma romântica, saudosista, eterna enamorada de sua terra — o velho e querido Açú, berço de poetas, de carnaubais frondosos e lindos. O sonêto *Minha terra* é de rara beleza. Aqui, sòmente a primeira quadra:

*"Terra bendita, onde abriguei, ditosa
De minha infância as ilusões fagueiras...
Coroada, qual rainha majestosa,
Das verdes palmas das carnaubeiras."*

Segundo Wanderley é o poeta condoreiro por excelência. O Cônego Jorge O'Grady considera Segundo, "*predominantemente romântico — lírico e condoreiro — recebeu a influência do parnasianismo e simbolismo. Versando quase todos os gêneros, cantando em todos os metros e empregando quase todos os tipos de rima e de estrofe, pode ser considerado, não menos por isso do que pela grande inspiração, o príncipe dos poetas potiguares*". É o autor do *Naufrágio do Vapor Bahia* e do *Paralelo Entre o Homem e a Mulher*, que foi atribuído a outrem. Deixou um primoroso livro de versos, *Poesias*. Sua filha, Stella Wanderley tem um ensaio a publicar, *Segundo Wanderley na Intimidade*, mas nenhuma instituição de minha terra pôde, ainda, ajudá-la. E, mais, o poeta Luís Carlos Lins Wanderley, com *Lira de Amor*. Orador do seu tempo, fluente, romancista, dramaturgo, jornalista, deputado várias vèzes, político, governou sua província. Foi o primeiro norte-rio-grandense a doutorar-se em Medicina. E, Ferreira Itajubá, com *Terra Natal*. O prof. Esmeraldo Siqueira prefaciando a nova edição dêsse livro, diz com autoridade: — "*No poema de Itajubá, o largo sôpro lírico assume facêtas sugestivas e variadas. É romântico, amoroso, saudosista, filial, regionalista, patriótico. Não lhe falta mesmo a nuance filosófica, o sentimento da fuga vertiginosa do tempo*

e da precariedade da vida.” Apenas uma gôta de seu verso, nesta poesia de tanta beleza:

*“Natal é um vale verde, entre coqueiros,
Logo que desce a luz das alvoradas,
Vão barra a fora as velas das jangadas,
Cessam no rio as trovas dos barqueiros.”*

Dêle, disse Mário de Andrade: — “O Brasil precisa conhecer melhor Ferreira Itajubá.” Isto diz tudo.

Outros poetas norte-rio-grandenses notáveis: Lourival Açucena — o seresteiro. Junquillo Lourival, Gortardo Neto, de inspiração privilegiada. Na sua poesia foi companheiro de Casimiro de Abreu no exílio, e de Castro Alves nas serestas da paulicéia. Henrique Castriçiano, irmão de Auta, com o poema *O Abóio* — a triste melopéia do gado — que é uma página encantadora da nossa antologia regional. Figura no livro do professor Antônio Fagundes, *Leituras Potiguares*. Sebastião Fernandes, que Câmara Cascudo chamou de “o último fidalgo”. Olda Avelino — a poetisa macauense. Juvenal Antunes — o boêmio incorrigível. Otoniel Meneses, o cantor de *Praieira*, chamado, com justiça, de Bilac potiguar. É o autor do *Canção da Montanha*. Jorge Fernandes, com o seu *Contrastes*. E, lá do Açú, terra-berço de inspirados poetas, fulguram, dentre outros, dois nomes: Ezequiel e Celestino Wanderley. Ezequiel escreveu *Poetas do Rio Grande do Norte*, *O Meu Teatro* e *Balões de Ensaio*. Celestino, um livro de versos, *Auroras*, todos de excelente qualidade. Seguem-se-lhes João Celso, Francisco Amorim, Minervino Wanderley de Siqueira, Alice Wanderley — a doce e meiga Alice, Sinhazinha Wanderley, Palmério Filho, até mesmo Moisés Sessiom — o Bocage norte-rio-grandense, impressionantes na arte de versejar.

E, também, Ponciano Barbosa, natalense, autor do soneto *O Algodoeiro*. Vale a pena conhecê-lo:

*“Glória do vegetal, florindo e re florindo
Na soberba alegria e gáudio da esmeralda...
É da gema, o algodoeiro esplendoroso e lindo,
É nobre pavilhão que Flora, a rir, desfralda.*

gerações presentes e futuras. Edgar Barbosa, de estilo primoroso, com *Imagens do Tempo*. Hélio Galvão, outro estudioso da sociologia regional, com *Cartas da Praia*. Veríssimo de Melo com *Xarias e Canguleiros* e, já na editôra, *Patronos e Acadêmicos*, um trabalho de profundidade sôbre a Academia Norte-Riograndense de Letras, da qual é figura das mais brilhantes.

E Renato Caldas, o poeta do Açu, de estilo semelhante ao do grande Catulo, de quem foi amigo, com o seu *Fulô do Mato*, que inicia com êstes versos:

*“Sá Dona, vossa mecê
É a fulô mais cherosa,
A fulô mais prefumosa
Qui o meu sertão já botô!
Podem fazê um cardume,
De tudo qui fô perfume,
De tudo qui fô fulô,
Qui nem um, nem uma só,
Tem o cheiro do suó
Qui seu corpinho suó.”*

No mesmo gênero temos, ainda, Zèpraxédi — o poeta vaqueiro.

E Jaime dos Guimarães Wanderley — o bom Jaime — jornalista, poeta, escritor, o maior da família em têrmos de literatura, autor de mais de uma dezena de livros de poesia, contos, novela, teatro. Destaco *Espinho de Jurema*, primoroso, que êle abre com êstes versos:

*“Alma ignorada dos sertões do Norte!
Espinho de Jurema,
Bico de seio de tapuia nova...
Poema
Evocativo dos ermos
Que o sol mudou em fôlhas amarelas.”*

Jaime apresenta o livro com estas palavras “... eu o escrevi, quando os cardeiros e mandacarus, braços abertos para a vastidão do desconhecido, ofereciam, ao viajor sedento, a lágrima vermelha de seus pomos maduros.”

Chegou o momento de falar do poeta Cosme Lemos. É o aedo da serra do Martins e o cantor do sol de Mossoró. Um dia, veio de sua terra para a planície da cidade grande. Considero-o um dos nossos maiores poetas da atualidade. Agora, depois de muita insistência de familiares e amigos, vai publicar o livro tão anunciado, *Um lugar na Serenata*. O Cônego Jorge O'Grady traça-lhe o perfil e diz: — “*Na serra do Martins, onde nasceu, veio-lhe, com o ar sereno, o róseo da alvorada, o perfume das flôres, o cantar dos pássaros e a melancolia do crepúsculo e das noites enluaradas, a vocação poética.*” Para exaltar-lhe as qualidades de espírito e de caráter, escrevi o livro, *Mossoró na poesia de Cosme Lemos*. É vasta sua produção literária. O poema *Meu mundo encantado*, tem versos como êstes:

*“Há um Mundo Encantado na minha alma
Repleto de cidades luminosas,
Cidades brancas e jardins formosos,
De avenidas floridas, trescalantes
As orquídeas, hortênsias e açucenas;
De amplas praças com lagos transparentes,
Cobertas pelas pratas dos luares.
Cidades que adormecem sob a música
De sonatas estranhas e distantes
E acordam triunfais ao som de sinfonias,
Que emergem com o sol na luz das alvoradas;
Cidades onde brilham jóias de arte
Em templos de marfim de cúpulas nevadas,
Orgulhosos alçando os seus zimbórios
Para o beijo do azul e a carícia das nuvens.”*

E, conclui, magistralmente, nesses 98 versos que compõem o poema:

*“Este meu Mundo, são os meus sentidos
E a sua Deusa, és tu, Ó Poesia.”*

Mas, lá, em Macau, está um expressivo poeta: Edinor Avelino. Outro molusco sempre agarrado à sua terra, como aquêles que se vêem nos velhos trapiches fincados à beira do rio — o lendário rio de minha infância — que margeia a cidade. Edinor publicou, re-

centemente, o livro anunciado há quarenta anos. *Sínteses* é o seu nome. Prefácio de Luís da Câmara Cascudo, *orelhas* dêste que vos fala e trabalho persistente de Manuel Rodrigues de Melo, autor da nota biográfica do poeta. Destaco o poema *Macau*, composto em decassílabos, com 64 versos, celebrado por mim no livro, *Macau na poesia de Edinor Avelino*. Uma mostra, apenas:

*“A minha terra calma e boa
Trago-a nas cismas de saudade em que ando atento,
Contemplando-a com os olhos cheios d’água,
Nos grandes vôos do meu pensamento.*

.....

*É das mais ricas terras pequeninas
apraz-me repetir, quando converso:
possui alvas e esplêndidas salinas,
as melhores salinas do Universo.*

.....

*Trecho da natureza que decanto,
pôrto das algas, pouso das baleeiras,
ilha saudosa, plácido recanto,
berço das minhas afeições primeiras.”*

Já que estou falando dos poetas de Macau, neste instante abraço emocionado mais um. Trata-se de Aparício Fernandes. Com o seu abraço e o prazer de sua presença nesta tarde magnífica, êle me traz o seu poema **MACAU**. Vou declamá-lo por inteiro, prestando assim uma homenagem ao poeta e à terra que nos viu nascer:

*“Nas translúcidas asas da quimera,
Volto a Macau. Vejo a rua da frente.
A respeitabilíssima e severa
figura de meu pai está presente.*

*Beijo-lhe as mãos com devoção sincera,
e sinto, num transporte comovente,
a mensagem de luz da atmosfera,
brilhando na salina alvinitente.*

Meu Deus, meu Deus, é todo o meu passado
que a memória me traz, nitidamente.
As pessoas, o rio e êste dobrado
que a Banda vai tocando, alegremente.

Percorro as ruas. É de bom alvitre
não me impressionar demasiado
com as frias cicatrizes do salitre
nas paredes austeras de um sobrado.

Contemplo, com saudade, mil janelas
que emolduravam lindas namoradas...
o campo do *Cruzeiro*... as aquarelas
das garças pensativas e paradas...

As comadres sentadas nas calçadas,
os passeios em volta da pracinha,
a poesia sem par das alvoradas,
a doce amenidade das tardinhas...

O *Pôrto do Roçado*, o *Alagamar*,
as *Quatro Bôcas* da prostituição,
onde o Anjo da Saudade vai lançar
uma benevolente absolvição...

Volto aos sítios, enfim, de antigamente:
serestas... pastoris... o futebol...
e as barcaças que, pacientemente,
cruzam o rio sob a luz do sol...

Com a fleuma sutil de um velho bardo,
prêso à bóia, mas livre na vontade,
faz a côrte o rebocador *Ricardo*
às lanchas *Patativa* e *Liberdade*...

Visito a velha Igreja e não resisto
ao pranto que me jorra em profusão,
vendo a minha madrinha, a Mãe de Cristo,
— Virgem da Imaculada Conceição!

Peço a bênção ao Monsenhor Honório,
que ainda reza a missa, humildemente;
só que agora o seu templo é um zimbório
azul, universal e resplendente.

Filo cigarros na alfaiataria,
jogo sinuca em três ou quatro bares,
recordo os carnavais em que havia
mil coreografias singulares...

As feiras do Mercado... as procissões...
o Atêrro, que a paisagem nos descerra
dos moinhos de vento... as pulsações
das artérias de sal da minha terra!

A revoada feliz das andorinhas,
o louco esbracejar dos caranguejos,
o bamboleio das algas marinhas,
as carícias dos ventos benfazejos...

Diviso ao longe Edinor Avelino,
no seu habitual recolhimento:
— o poeta conversa com o destino
“nos grandes vôos do seu pensamento”.

Mas eis que a escuridão torna-se espessa!
Sòmente o luar de prata envolve a gente.
— Foi o “motor da luz”, cuja *cabeça*
voltou a se quebrar, infelizmente...

.....

Macau! Tu me apareces, hoje em dia,
como um sacrário de melancolia,
revestido de místico esplendor.

Pois em tua paisagem feiticeira
guardo a esperança da ilusão primeira,
choro a saudade do primeiro amor!

Obrigado, meu poeta, pelo régio presente. Quem nasceu vendo aquêlo rio, aquela rua comprida, os sobrados, as salinas, as embarcações no seu vaivém cotidiano, a “*Igreja branca de formosos altares*”, vê quanto é grande a pequenina Macau da nossa infância.

Menciono, ainda, outro poeta macauense, Helvécio Barros, hoje residindo em Bauru, Estado de São Paulo, de acentuada atividade literária, compondo lin-

dos versos, assim como, embora permanentemente fixados à terra, Luís Xavier, Afonso Tanidon de Barros e Gilberto Avelino eternos cantores da gleba querida.

Temos, ainda, Esmeraldo Siqueira com uma série de bons livros, especialmente, *Taine e Renan* e *Gregos e Latinos*. Dêle, com justiça, diz o Cônego Jorge O'Grady de Paiva: — "*Poeta de raça pela ascendência genealógica, inspiração, temática, gêneros versados, variedade de mestre, mestria da forma e elevação de sentimentos.*" Dioclécio Dantas Duarte, membro desta Federação, grande estudioso dos nossos problemas, detentor de vasta cultura, destacando-se *Estudos de Economia* e *O Sal na Economia do Brasil*. Peregrino Júnior, da Academia Brasileira de Letras, recentemente empossado na Academia Norte-Riograndense de Letras, com importantes livros. É essa figura simpática e querida de todos nós. Nilo Pereira, nome de invulgar projeção nas letras de Pernambuco e Rio Grande do Norte. Pertence às Academias de Letras e aos Institutos Históricos dos dois Estados. Tem publicado obras do mais alto nível intelectual, a exemplo do *Humanismo de Luís de Camões*, *O Período Regencial Brasileiro* e, como um eterno enamorado de sua terra, êsse telúrico *Imagens do Ceará-Mirim*, sua terra de nascimento, vivência nos engenhos, e onde retrata o vale esplendoroso, dentro da sua saudade emocionalmente ligada à sua infância.

Seguem-se Oswaldo Lamartine de Faria, com excelentes trabalhos, assim como Antônio Fagundes, Waldemar de Almeida, Otacílio Alecrim, Jaime Adourd Câmara, Aderbal de França, José Wanderley de Carvalho, Homero Homem, José Pinto Júnior, Mariano Coelho, João Carlos de Vasconcelos, Paulo de Viveiros, Umberto Peregrino, Elói de Sousa, Irineu Wanderley de Albuquerque, Monsenhor Luís Monte, Cônego José Adelino Dantas, Aurélio Pinheiro, José Herôncio, padre Paulo Herôncio, Anfilóquio Câmara, Armando Seabra, Severino Bezerra de Melo, Virgílio Trindade, João Alves de Melo, José Melquíades, Antídio Azevedo, Manuel Onofre de Andrade, Ivo Filho, Luís Viana, Ascendino Diniz Henriques, Elissósio Guimarães, que tanto têm feito pela cultura potiguar. Junte-se a êstes Petrarca Maranhão, de família tradicionalmente ligada à terra potiguar.

Citarei, agora, especificamente, o Cônego Jorge O'Grady de Paiva, também desta Casa, que conheci e admirei desde longos anos, primeiramente como vigário de minha terra de nascimento — Macau, e, depois, como diretor do *Colégio Diocesano "Santa Luzia"*, de Mossoró, cuja gestão ainda hoje os mossoroenses relembram com admiração e saudade. É êle uma autoridade em assuntos astrofísicos, tendo publicado *Astronomia e Astronáutica* e *Na Seara das Letras, da Fé e da Ciência*, de marcantes sucessos. É, ainda, o conferencista admirável. Sua palestra sôbre a poesia de Segundo Wanderley, nesta Federação, foi das melhores que se ouviram sôbre o grande poeta potiguar.

E, mais, João Batista Cascudo Rodrigues, Vingt-Un Rosado e Jaime Hipólito, três inteligências môças a serviço da terra mossoroense, escrevendo e pesquisando, terra que tem no verso de Cosme Lemos, êsse canto de exaltação e beleza:

*"Mossoró, tudo em ti é aberto e bem vivo
Como a letra vogal que o teu nome ressoa,
Letra em ouro de lei, nobre anel cujo crivo,
Resplandece, brilhando, o teu sol em coroa.
Tuas ruas tão largas, tão claras, tão belas,
O teu solo tão plano de alíseos varrido,
Sem vielas, sem ranço e fartum de favelas,
É um palco de luz, de ideal colorido."*

.....

Há, ainda, Fagundes de Meneses, nascido na "terra calma e boa" do verso de Edinor Avelino, com *Vale dos Cataventos*. Milton Pedrosa, mossoroense, autor de *Passos Cegos*. Rômulo C. Wanderley, jornalista, poeta, escritor, recentemente falecido, autor, dentre outros, de *Panorama da Poesia Norte-Riograndense*. Américo de Oliveira Costa, o estilista primoroso, com *Viagem ao Universo de Câmara Cascudo*, Juvenal Lamartine, com *Velhos Costumes do meu sertão*. Felipe Guerra — o sociólogo das sêcas — com êsse extraordinário *Sêcas contra a Sêca*. Eliseu Viana, — o educador por excelência, com suas revistas teatrais que fizeram época na velha Mossoró. Policarpo Feitosa, que é o aus-

tero dr. Antônio José de Melo e Sousa, ex-governador potiguar, com *Gizinha*, romance. Isabel Gondim, autora de *A Sedição de 1817 na Província do Rio Grande do Norte*. É a patrona da Cadeira nº 8, que ocupo, com muita honra, na Academia Norte-Riograndense de Letras. Manuel Dantas, com *Homens de Outrora*. J. Martins de Vasconcelos, o velho jornalista mossoroense, poeta, e escritor, com suas *Obras Completas*. José Moreira Brandão Castelo Branco, o pesquisador infatigável, publicando *Moreira Brandão*. Paulo de Albuquerque — o poeta da Abolição mossoroense — com *Sombras e Crenças, Comas e Delírios, Últimas Quedas, Discursos Religiosos e Senhoritas do Porvir*. Exaltei-lhe a memória no livro, *Paulo de Albuquerque — o poeta da Abolição*.

Paulo de Albuquerque não foi somente o poeta condoreiro, autor do poema “30 de Setembro”, mas o romântico de PRESENTIMENTO. Fê-lo o poeta dez dias antes de sua morte. Chamou o filho mais velho, Irineu, ditando para êle, entre um gemido e outro, êstes versos de rara beleza:

*“Começo a definhar! De dia a dia
Em ruínas meu corpo se transforma!
Vão se sumindo pouco a pouco os músculos
E vou tomando de esqueleto a forma.*

*Sei que a velhice é o tendal da morte,
Que a vida do homem não é infinda
Mas se vejo que o meu corpo é velho
Sinto que minha alma é môça ainda.*

.....

E, concluindo:

*“Céus! Ó Céus! Meus dias vão findar-se
Rezem comigo pra que Deus me ouça:
Adia, Senhor, adia a minha morte
Qu’eu sinto hoje que minha alma é môça!*

(Mossoró — 17-11-1902).

E, ainda Manuel Rodrigues de Melo, autor de *Várzea do Açú*, *Patriarcas e Carreiros*, *Cavalo de Pau e Chico Caboclo*. Grandes obras de Sociologia, História e Folclore. Foi êle o artífice do livro de Edinor Avelino, *Sínteses*, no seu trabalho de persuasão para que o publicasse e seu apresentador, assim como a edição do livro de Afonso Bezerra e a reedição, agora, do de Ferreira Nobre. Vive pesquisando, trabalhando pelas letras de sua terra. Construiu o majestoso prédio da Academia Norte-Riograndense de Letras, “a pé e sem relógio”, como diz Veríssimo de Melo, exaltando-lhe a obra.

Também Raimundo Nonato, que tem uma posição de vanguarda nas letras norte-rio-grandenses. Foi o menino retirante da sêca de 1919, quando chegou a Mossoró, de alpercatas e chapéu de palha. Viera tanguido de sua terra — a serra do Martins — pela inclemência da estiagem devastadora. A sua meta era a escola, mas precisava trabalhar para estudar. Exerceu os trabalhos mais humildes, inclusive aquêle de limpeza dos lampiões da sua escola, a dez mil réis por mês. Não podia comprar os livros necessários. Pedia-os emprestados a um livreiro de Mossoró, Sebastião Cruz que o acudia nessas ocasiões. Certa vez colecionou carteiras vazias de determinada marca de cigarros, juntou dois mil réis e, com êsse dinheiro, comprou um livro. *Alma Intrépida*, diria Renan. Cursou a Escola Noturna “Paulo de Albuquerque”, sempre presente nas suas memórias, de onde, diz Câmara Cascudo, “foi seu aluno glorificador”. Depois, ingressou na Escola Normal. Lembrou-o vestindo uma roupa de brim ordinário, listrado, camisa de madapolão, botinas rangedoras, uma gravatinha borboleta, aquela de duas hastes prêsas ao colarinho. Fêz um exame dos mais brilhantes, surpreendendo alguns professôres nos seus sistemas rígidos de argüição. Diplomou-se em 1925, sempre o primeiro de sua classe. Foi, a seguir, professor primário, secundário, diretor da Escola de Comércio de Mossoró, secretário de govêrno, diretor de divisão do SENAC. Formou-se em Direito, sendo nomeado, por concurso, Juiz de Direito de Apodi. Fêz jornalismo. É hoje o escritor de méritos. Sua tônica é Mossoró, o Rio Grande do Norte, sua história, sua gente, numa exuberante vocação proustiana. Representa a sua Academia de Letras nesta Federação. Aí estão os

seus livros. Cêrca de 20. Entre êles, *Quarteirão da Fome*, *Memórias de um Retirante*, *Bacharéis de Olinda e Recife*, *Lampião em Mossoró*, *Presença Norte-Riograndense na Alçada Pernambucana* e, mais, *Jesuino Brilhante — O Cangaceiro Romântico*. É uma fôrça viva a serviço de sua terra, todos os dias, tôdas as horas, nesta cidade do Rio de Janeiro, capital cultural do Brasil.

Dos poetas novos destaco: Newton Navarro, Sanderson Negreiros, Berilo Wanderley, Luís Rabelo, Fabiano Caldas, Wilson Dantas, Dorian Gray Caldas, Irma de Varela, Gilberto Avelino, Renan Wanderley. Newton é também um primoroso artista do pincel, merecidamente laureado.

MEUS SENHORES:

Que tarde esplêndida esta que proporcionastes ao norte-rio-grandense que hoje se integra ao vosso meio. Tarde de convivência fraternal e amiga. Damo-nos as mãos, neste instante, conhecendo-nos melhor, falando de coisas de cultura, inspirados nos versos do poeta:

*“Todos cantam sua terra
Também vou cantar a minha,
Nas débeis cordas da lira
Hei de fazê-la rainha.”*

Taine tinha razão ao dizer que *o estudo era o ópio capaz de curar o amor próprio, matar o tédio e esgotar a atividade cerebral excessiva*. No trabalho e no estudo está o caminho que, todos nós, temos palmilhado, buscando nos grandes mestres as luzes necessárias para a orientação do espírito, como recomendava Nietzsche.

Aos homens de pensamento e cultura de todos os quadrantes do Brasil, que aqui se encontram sob o pátio desta Federação, que é o prolongamento das nossas Academias, ao sr. Presidente Mendonça Júnior e demais membros da diretoria desta Casa, ao caro confrade Raimundo Nonato, sempre brilhante e tão amigo, que me saudou com palavras que tocaram à minha sensibilidade, através de tantas evocações. Ambos vivemos

a nossa Mossoró tão querida, desde 1922 quando ali cheguei para o meu Grupo Escolar "30 de Setembro" que era anexo à Escola Normal, em que eu via Raimundo Nonato já cursando o 2º ano, indo muitas vezes à minha classe para exercitar-se na prática do ensino, método adotado com inteligência por êsse saudoso diretor que foi Eliseu Viana. Eu andava pelos sete anos de idade, também viera de outra cidade, sem o progresso e a grandeza de Mossoró. E, desde então, nossos caminhos têm seguido paralelamente: tivemos uma longa vivência em Mossoró, estudando, jogando ou dirigindo clubes de futebol, trabalhos publicados em jornais e revistas, discursos e conferências sôbre as datas cívicas, membros que fomos da Liga de Defesa Nacional de Mossoró e, durante a 2ª Grande Guerra, soldados da Defesa Passiva Anti-Aérea. Na praça pública, lá estivemos levantando os sentimentos democráticos da nossa gente. Depois, uma curta permanência em Natal, tangidos pelo destino, e, agora, no Rio de Janeiro, onde estamos desde 1951, trazidos de nôvo pela fôrça do mesmo destino. Aqui continuamos a servir às letras do nosso Estado, com aquêle devotamento próprio dos papa-gerimuns, sempre agarrados à sua terra, exaltando-a, fecundando-a com o suor do seu trabalho e todo amor de seus corações.

Meus agradecimentos, pois, a todos os presentes pelo acolhimento que me foi dado nesta tarde magnífica, tarde tipicamente nordestina, cheia de calor e afeto. Digo-vos, agora, com a emoção do momento: caros confrades, aqui me tendes cheio de disposição e coragem. A estrada é longa mas, se o bom Deus permitir, havemos de percorrê-la vitoriosos.

Demo-nos, assim, as mãos. Levai-me, com a vossa sabedoria e experiência ao pôrto desejado

Rio, 17-7-71.

MENSAGENS RECEBIDAS

Do Presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras — Natal:

“Nome Academia Norte-Riograndense de Letras, neste momento em que a cultura do nosso Estado se projeta tão alta, receba esta saudação que traduz regozijo tôda Academia. Estou telegrafando Acadêmico Raimundo Nonato e ao presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil, dr. Mendonça Júnior congratulando-me sua posse. Saudações — Manuel Rodrigues de Melo.”



Do Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte — Natal:

“No meu nome e no do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte receba caro consócio nossas mais vivas congratulações sua posse Federação das Academias Letras do Brasil, onde continuará honrando tradições culturais nosso Rio Grande do Norte — Cordiais saudações — Enélio Lima Petrovich.”



Do Vice-Prefeito de Mossoró:

“Mando-lhe meu afetuoso abraço sua merecida investidura quadros Federação Academias, onde continuará honrando letras nosso Estado, cultuando tradições gloriosas terra e gente mossoroenses, elevando seu nome, projetando nossa família. Abraços — José Genildo de Miranda.”



Do historiador Luís da Câmara Cascudo — Natal:

“Walter Imortal! Júbilo pela sua posse Federação. Raimundo Nonato já enviara reportagem suficiente e carinhosa. Eu sabia que você não era acidental na vida provinciana. Estava certo, e cheio de alegria hoje. Deus o abençoe. Abraço dêste seu — Luís da Câmara Cascudo.”



Do escritor Nilo Pereira — Recife:

“Meu caro Walter: — Recebi o seu telegrama. Quero felicitar o prezado amigo — de quem sempre estou lembrado — pela justa e merecida distinção que lhe conferiu a Federação das Academias. É um prêmio à sua obra, que levou o regional para o plano nacional. E também o felicito pelo fato de ser recebido pelo nosso Raimundo Nonato. Ninguém melhor do que êle — escritor telúrico e conterrâneo ilustre — pode interpretar a sua vocação de homem de letras ligada a uma região comum. Abraços do velho amigo — Nilo Pereira.”



Do Magnífico Reitor da Universidade Regional do Rio Grande do Norte — Mossoró:

“Em meu nome e no da Universidade Regional do Rio Grande do Norte, receba ilustre conterrâneo forte abraço sua posse hoje quadros Federação das Academias Letras do Brasil, João Batista Cascudo Rodrigues.”



Do jornalista Lauro da Escócia, diretor do “O Mossoroense” — Rio:

“Walter: — Devo ir hoje a Volta Redonda. Por isso não posso estar presente à sua posse. Mando-lhe, com esta, o meu abraço — Lauro da Escócia.”



Do senador Dinarte Mariz — Rio:

“Receba prezado amigo e ilustre conterrâneo meu grande abraço júbilo sua merecida posse Federação Academias — Dinarte Mariz.”



Da poetisa Estela Wanderley Benevides — Natal:

“Ao Wanderley mais autêntico de nossa família enviamos nossas efusivas congratulações pela sua posse hoje Federação Academias. Tôdas as filhas de Segundo Wanderley estão felizes pelo grande acontecimento abraços — Estela, Lourdinha.”



Do teatrólogo José Wanderley — Rio:

“Abraço-o prazerosamente sua posse hoje Federação para honra nossa família — José Wanderley.”



OUTRAS MENSAGENS DE FAMILIARES E AMIGOS

De Natal:

“Receba nossos abraços e felicitações sua merecida posse Federação das Academias Letras do Brasil. Todos nós estamos jubilosos e felizes por mais êsse degrau que você sobe no terreno das letras — Wharton, Lourdinha, Sérgio, Júnior.”



“Nosso caloroso abraço sua posse Federação das Academias — Wilson, Francisca, William.”



“Parabéns sua merecida investidura quadros Federação Academias Letras do Brasil — Namorado, Hilda, Vilma, Aderson, Italo.”



“Você e Raimundo, juntos, numa sessão da Federação das Academias de Letras do Brasil, falando de cultura, numa saudação e numa palestra sôbre coisas e temas tão nossos, eu gostaria de assistir para aplaudir de pé, emocionado e feliz. Parabéns, meu grande amigo — Cosme Lemos.”



“Dou-lhe meus parabéns pelo seu ingresso na Federação das Academias de Letras do Brasil, para o qual você está, por tudo o que tem feito, suficientemente credenciado. Todos seus amigos estão cheios júbilo pelo evento — Vicente de Almeida.”



De Mossoró:

“Caloroso abraço sua posse Federação das Academias. Você fêz por merecê-lo — Pedro e Zélia.”



“Estou emocionada e feliz sua posse hoje Federação Academias. Lamento não estar presente para abraçá-lo maior efusão — Marieta Wanderley Miranda.”



“Nosso abraço sua posse e merecido ingresso Federação Academias — Rose, Ildérica, João Cantídio.”



“Receba nossas felicitações sua posse Federação Academias — Lourdinha, Antônio.”



“Meu abraço sua posse Federação para honra nossa terra — João Pinto e família.”



“Grande abraço sua posse Federação — Vicente Ferreira.”



De Natal:

“Nosso caloroso abraço sua posse hoje Federação — Milton Wanderley, Lourdes, Lizete.”



De Macau:

“Sua terra sente-se honrada merecida investidura Federação das Academias de Letras do Brasil e seus amigos felizes — abraços — Afonso Barros.”



De Açú:

“Ao digno primo e amigo mandamos esta mensagem de agradecimento e de congratulações honroso convite sua posse hoje Federação das Academias — abraços Solon Wanderley, Afonso Wanderley, Boanerges Wanderley.”



De Caraúbas:

“Receba caro amigo vivas congratulações sua posse Federação das Academias Letras do Brasil — Maria Sílvia Vasconcelos Câmara.”



Do Rio:

“Impossibilitado comparecer sua posse hoje Federação envio através nosso caro Nonato meu abraço felicitações — Rodolfo Pongetti.”



De Mossoró:

“Ao caro compadre e amigo devotado mando meu abraço sua posse Federação Academias — João Manuel Filho.”



De Recife:

“Impossibilitados assistir sua posse Federação Academias, todavia estaremos presentes através esta mensagem de afetividade e regozijo — abraços Benvindo, Wanda, Lucinha, Rommel, Newton Júnior, Rogério, Ronaldo.”



De Belo Horizonte:

“Ao querido amigo mandamos nossos abraços pela merecida admissão quadros Federação Academias Letras Brasil para honra nosso Estado e alegria todos nós — José Maria Cantídio, Mariazinha, Andréia, Ildérica, Teresa.”



“Parabéns dedicado amigo sua posse Federação Academias — Ênio Falci e família.”



De Recife:

“Quisera estar presente hoje sua posse. Venho acompanhando emocionado sua ascensão gradativa letras nosso Estado e agora Rio de Janeiro — capital cultural do Brasil. Em razão disto receba meu afetuoso abraço sua posse hoje Federação Academias — José Mozart Menescal.”

De Mossoró:

“Abraço-o emocionado feliz sua posse hoje Federação — Aoem Menescal.”



De Natal:

“Se seu tio Irineu fôsse vivo, o dia de hoje seria para êle de emoção e entusiasmo ensejo sua posse Federação. Mando-lhe meu mais caloroso abraço — Virgília Wanderley de Albuquerque.”



“Walter: — A notícia que você nos dá de sua posse, breve, na Federação trouxe-nos muita alegria. Você é como um filho querido. Vimo-lo crescer em nossa companhia, nos saudosos dias do Mossoró do passado, do Mossoró-saudade, na casa de minha mãe, na Rua 30 de Setembro, de gratas recordações, todos vivendo dentro de uma pobreza digna. Vêmo-lo agora projetar-se nas letras nacionais, como já o fôra na política, como deputado à Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte, no período de 1947/1951. Sempre acreditamos que você haveria de ser grande em tudo. Foi na política, na sociedade e continua sendo nas letras. Vemos que o nosso pensamento estava certo. Por isso, creia, nos orgulhamos tanto de você. Receba nosso mais caloroso abraço — Albuquerque, Eurica, Teresinha, Edvan.” Natal, 1-6-71.



“Nosso grande abraço sua posse hoje Federação — Zenaide filhos.”

